

OS CAMINHOS DA ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL

Depoimentos

José Geraldo C. Grillo
Pedro Paulo A. Funari
Aline V. de Carvalho
organizadores



ANNA BLUME

ΗΡΑΙΟΝ
HERAION

OS CAMINHOS DA ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL

José Geraldo C. Grillo
Pedro Paulo A. Funari
Aline V. de Carvalho
organizadores



LAP
Laboratório de
Arqueologia
Pública

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

G859 Grillo, José Geraldo Costa, Org.; Funari, Pedro Paulo A., Org.; Carvalho, Aline Vieira de, Org.

Os caminhos da arqueologia clássica no Brasil: depoimentos. / Organização de José Geraldo Costa Grillo, Pedro Paulo A. Funari e Aline Vieira de Carvalho. Prefácio de José Remesal-Rodríguez. – São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção História e Arqueologia em Movimento). 172 p. ; 14x21 cm

ISBN 978-85-391-0559-5

1. Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Arqueologia Clássica. 4. Antiguidade Clássica. 5. Antiguidade Tardia. 6. Brasil. I. Título. II. Considerações sobre os estudos da antiguidade clássica no Brasil. III. Annablume Arqueológica. IV. Série. V. Grillo, José Geraldo Costa, Organizador. VI. Funari, Pedro Paulo A., Organizador. VII. Carvalho, Aline Vieira de, Organizadora. VIII. Remesal-Rodríguez, José.

CDU 930.26
CDD 930.1

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

OS CAMINHOS DA ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL:
DEPOIMENTOS

Projeto, Produção e Capa
Coletivo Gráfico Annablume

Imagem da Capa
Ruínas do templo de Era (*Eraion*), Ilha de Delos, Grécia.
Fotografia de José Geraldo Costa Grillo, 2006.

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Peñuela Cañizal
Norval Baitello Junior
Maria Odila Leite da Silva Dias
Celia Maria Marinho de Azevedo
Gustavo Bernardo Krause
Maria de Lourdes Sekeff (*in memoriam*)
Pedro Roberto Jacobi
Lucrécia D'Aléssio Ferrara

1ª edição: agosto de 2013

© José Geraldo C. Grillo, Pedro Paulo A. Funari e Aline V. de Carvalho

ANNABLUME editora . comunicação
Rua M.M.D.C., 217 . Butantã
05510-021 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3539-0226 – Televidas 3539-0225
www.annablume.com.br

SUMÁRIO

9 INTRODUÇÃO Organizadores

13 PREFÁCIO – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO BRASIL José Remesal-Rodríguez

I – PIONEIROS

19 1. OS CAMINHOS DE UMA ARQUEÓLOGA CLÁSSICA NO BRASIL Haiganuch Sarian

II – SEGUNDA GERAÇÃO

31 2. ARQUEOLOGIA CLÁSSICA: UMA TRAJETÓRIA Maria Beatriz Borba Florenzano

37 3. ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL: UM DEPOIMENTO PESSOAL Pedro Paulo Abreu Funari

III – TERCEIRA GERAÇÃO

- 47 4. UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISADOR NA ARQUEOLOGIA CLÁSSICA: ENTRE MÚSICA E IMAGEM, UMA GRÉCIA MÚLTIPLA
Fábio Vergara Cerqueira
- 61 5. ARQUEOLOGIA CLÁSSICA: PESQUISA, PATRIMÔNIO E CULTURA
Francisco Marshall

IV – JOVENS

- 69 6. O BRASIL E A ANTIGUIDADE TARDIA
Cláudio Umpierre Carlan
- 79 7. USOS DA HISTÓRIA ANTIGA E DA ARQUEOLOGIA CLÁSSICA:
O CASO DE POMPÉIA
Marina Regis Cavicchioli
- 85 8. CULTURA MATERIAL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA SOCIEDADE ROMANA
Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa
- 97 9. ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL: RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA
Renata Senna Garraffoni
- 109 10. EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE UM ARQUEÓLOGO
CLÁSSICO EM CONTEXTO BRASILEIRO
José Geraldo Costa Grillo

- 123 11. UM PERCURSO ENTRE TEXTOS E ARTEFATOS
Julio César Magalhães de Oliveira
- 131 12. HISTÓRIA ANTIGA E ARQUEOLOGIA NO BRASIL
Airton Pollini
- 137 13. VIR A SER ARQUEÓLOGO CLÁSSICO NO BRASIL:
UMA ERRÂNCIA OUSADA
Pedro Luís Machado Sanches
- 155 14. A HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE
CLÁSSICA E OS USOS DO PASSADO
Glaydson José da Silva
- 169 SOBRE OS AUTORES

Temos a consciência de que será conveniente um segundo volume sobre a temática para abarcar outros importantes nomes da Arqueologia Clássica no Brasil, em especial, e na América Latina como um todo. E já declaramos que será um prazer fazê-lo!

Por fim, é importante destacar que essa obra parte de uma premissa política de que o conhecimento acadêmico não deve ficar restrito aos pequenos círculos de intelectuais. Ao contrário, ele deve dialogar de forma aberta e democrática com a sociedade como um todo. Por isso, nos esperamos que os depoimentos aqui reunidos e que as obras do projeto *História da Ciência Arqueológica na América Latina* sirvam como inspiração para todos os interessados na área.

Boa leitura.

PREFÁCIO

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO BRASIL¹

JOSÉ REMESAL-RODRÍGUEZ²

Quando o Prof. Funari me propôs fazer o prefácio desse livro, eu esperava encontrar algo muito diferente. Esperava uma análise geral da situação dos estudos de História e Arqueologia Clássica no Brasil: origem e evolução geral da especialidade, centros de estudos, capacidades e particularidades de cada um deles, análises e críticas da situação atual e proposta de futuro.

Entretanto, me encontro com um texto radicalmente distinto: um texto que um determinado grupo faz manifestação de sua existência, do desenvolvimento pessoal de cada um de seus integrantes, de suas preocupações e esperanças. Um texto que mostra tanto a juventude quanto a maturidade.

¹ Traduzido do original em espanhol por Tais Pagoto Belo, doutoranda do programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Revisão de Pedro Paulo A. Funari.

² Professor do Departamento de Pré-História, História Antiga e Arqueologia, Faculdade de Geografia e História, Universidade de Barcelona, Espanha.

Ao longo dos últimos anos venho tendo a oportunidade de conhecer e admirar o desenvolvimento dos estudos sobre Antiguidade Clássica no Brasil, participando de seminários, conferências, comissões e congressos³. Frequentemente, quando me refiro à ciência da Antiguidade alemã, digo apenas que é um grande privilégio deles de terem disponível uma ampla e longa tradição de estudos; ao mesmo tempo, afirmo que o ponto negativo da ciência da Antiguidade alemã é o peso dessa grande tradição, que muitas vezes, os obriga a caminhar por certos cursos já muito bem conhecidos. O mesmo nós poderíamos dizer de outras culturas e tradições científicas européias.

Enquanto as ciências da Antiguidade européia nasceram sob o desenvolvimento dos estudos filológicos, no Brasil, em sua maioria, desenvolveram-se por meio dos estudos antropológicos. E este fator marca uma notável diferença: os investigadores brasileiros se baseiam, como ponto de partida, em uma reflexão metodológica ausente em muitos colegas europeus, que seguem pautas de atuação já definidas. E ainda, este ponto de partida antropológico faz com que apareçam pontos de vista diferenciados, inclusive quando se investiga os mesmos aspectos em lugares diferentes.

3 Prova desta vitalidade nos é mostrada pelo notável volume de traduções para a língua portuguesa de autores modernos, o considerável aumento de monografias realizadas por autores brasileiros e as revistas especializadas, assim como: *Clássica*, publicação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, desde 1988, publicada em São Paulo e Belo Horizonte, anual 1988-1991, bienal 1992-2005, semestral desde 2006. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Usp*, desde 1990, anual, publica artigos de Arqueologia Clássica, São Paulo. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Unicamp, desde 1995, semestral, publica artigos de Arqueologia Clássica. *Boletim do CPA Unicamp/ Revista de Estudos Filosóficos e Históricos*, Campinas, semestral, desde 1995, publica artigos de Arqueologia Clássica. *Phoenix*, Rio de Janeiro, UFRJ, anual, desde 1995, publica artigos de Arqueologia Clássica. Todas elas publicam artigos tanto em português como em outros idiomas. E ainda, revistas de História também aceitam artigos de Arqueologia Clássica, assim como: *História, questões e debates*, Curitiba, UFPR, semestral. *História*, Unesp, Franca e Assis, SP, anual.

Portanto, para documentar a História como disciplina exige-se a análise direta dos dados e documentos de outras épocas que teriam chegado até nosso tempo. Se não houver documentos, não se tem história, como já dizia A. Momigliano⁴. Tenho participado de defesas de mestrado no Brasil e me deparo com trabalhos com uma perspectiva antropológica que tem me impressionado de forma positiva, pois neles se analisam com grande rigor os dados relativos ao período estudado. Entretanto, tenho participado de outras comissões em que os trabalhos se desenvolvem do ponto de vista do próprio investigador, apresentando conclusões, que do meu ponto de vista, são inaceitáveis, colocando como pretensão uma reconstrução da ideologia do pesquisador, sem que este tivesse um bom conhecimento dos dados do período estudado. Trabalhos que 'se inventam' o passado, partindo de apriorismos, uma vez aceitos, como pontos de partida teóricos, e outras vezes, na minha opinião, não. Este problema não é exclusivo da ciência brasileira, nasce em todos aqueles lugares em que a criação de modelos se realiza sem uma confrontação entre nossos modelos teóricos e os dados do período estudado.

Outra peculiaridade é que a carência de uma tradição lhes permite ser ecléticos. Isso também acontece em outros países que se incorporaram recentemente a estes tipos de estudos, como é o caso da Espanha. O ecletismo se converte em um aproveitamento de coisas aqui e ali, ou seja, aquilo que pode

4 A. MOMIGLIANO, *Tra storia e storicismo*. Pisa 1985, 72-73: "Mas o ensino tem muitas vezes levado à tentação de propor conclusões sem base nos dados. Ele também criou o que me parece um desequilíbrio entre a interpretação dos fatos e sua descoberta. Em nosso ensino universitário, de maneira talvez inevitável, a interpretação de fatos antigos é mais frequente que a descoberta de fatos novos. Mas só a de fatos novos mantém viva a sensação de que a história dependa dos dados concretos; a descoberta de novos dados é um desafio perpétuo para as conclusões geralmente aceitas. A história real, embora seja desnecessário dizer, alegara-se na descoberta de novos dados, ainda que contradiga algumas das convenções que mais lhes interessam".

me interessar em um determinado momento, mas que pode nos conduzir a uma falta de rigor metodológico. Todavia, o ecletismo se converte na capacidade de estudar e compreender formas distintas de abordagens dos nossos temas, o que é muito útil e nos ajuda a nos libertar dos *idola scienciarum* como dizia Francis Bacon. O ecletismo, na jovem ciência da Antiguidade brasileira, permitirá que no Brasil nasçam grupos e escolas de trabalhos diferenciadas. E o livro que temos em mãos é a prova disso.

Um grupo nascido na sombra do grande trabalho realizado pela Profa. Haiganuch Sarian e energizado pelo excelente trabalho do Prof. Pedro Paulo A. Funari. Ambos compreenderam que para sair do estreito círculo brasileiro seria preciso conhecer e integrar-se às correntes de estudo de outros lugares, e eles estão fazendo com que todos os jovens investigadores que estão ao seu redor sigam o mesmo caminho. Poderíamos dizer que esta é uma característica fundamental do grupo, cada um deles têm se formado junto aos investigadores mais qualificados e reconhecidos internacionalmente no campo em que queriam se especializar. Neste sentido, temos que cumprimentá-los devido ao fato que em uma só geração, a ciência da Antiguidade brasileira tem sabido se colocar e ser reconhecida no âmbito internacional.

O grupo se declara seguidor da corrente que se define como 'Arqueologia Histórica', entendendo que para o estudo da Antiguidade Clássica não se tem apenas que se basear nas fontes literárias, mas em todo tipo de documento, revalorizando assim, os restos de cultura material do mundo clássico. A ideia em si não é nova, o problema está arraigado no fato que os dados arqueológicos têm sido utilizados apenas como elementos confirmadores do que é transmitido pelos textos escritos, neste sentido, tem sido escasso o desenvolvimento de métodos de

abordagens destes documentos, razão pela qual muitos historiadores têm depreciado o valor destes dados.

Elevar à categoria de documento histórico um documento arqueológico não é tarefa fácil. O problema consiste em saber converter os dados arqueológicos, limitados e às vezes contraditórios, em fontes históricas capazes de dar-nos informações sobre a economia, a sociedade ou a política do mundo antigo. Para isso temos que abordar métodos específicos de análise adequados aos documentos que analisamos⁵.

Porém esta explicação não é nova. Ainda que os autores façam referência a teóricos reconhecidos da nossa geração - o problema existente na maioria das produções científicas atuais em que não se analisam os trabalhos das gerações anteriores - temos que lembrar que, neste sentido, destacam-se os trabalhos de dois investigadores dos séculos XIX e XX: Dressel, o qual em seus trabalhos, para o volume XV do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, colocou as bases para o estudo do chamado *instrumentum domesticum*. E M. Rostovtzeff, quem escreveu: "Para mim a arqueologia não é uma fonte de ilustração para textos escritos, mas uma fonte independente de informação histórica e que não possui menor valor ou importância, às vezes até mais importante que as fontes escritas. Nós precisamos aprender e gradualmente estamos aprendendo como escrever história com a ajuda da Arqueologia"⁶.

Se a idéia em si não é nova e se a suposição em si o é, por parte deste grupo, destas idéias e da sabedoria de se desenvolver métodos de análises adequados para os aspectos que estudam, os quais, sem dúvida, têm uma grande importância em se ter partido do conhecimento das ciências antropológicas

5 J. REMESAL RODRÍGUEZ, *Instrumentum domesticum e storia economica: le anfore Dressel 20*. *Opus* 9, 1992, 105-113, en part, 105.

6 M. ROSTOVITZEFF, *Iranians and Greeks in south Russia*, Oxford 1922, VIII.

que diferencia o grupo. Outra característica que os definem é a intensa propagação e discussão sobre estes métodos.

Permita-me cumprimentar e saudar este jovem grupo que com seu trabalho tem contribuído com passos gigantescos ao desenvolvimento não só da ciência da Antiguidade no Brasil, mas também por ter conseguido um significado notável, em termos internacionais.

1. OS CAMINHOS DE UMA ARQUEÓLOGA CLÁSSICA NO BRASIL

HAIGANUCH SARIAN

*Croix de bois, croix de fer.
Si je mens, je vais en Enfer.*
(Ditado popular francês)

PRÓLOGO

Foi predestinação para os Estudos Clássicos. No Ginásio, feito no interior de São Paulo, Nova Granada, esmerei-me nas aulas de Latim. No Colegial, cursado no Colégio Estadual Presidente Roosevelt de São Paulo, além de continuar meus estudos de Latim, tive a sorte de encontrar a Profª Gilda Reale Starzynsky, que muito mais tarde viria a ser Diretora do MAE-USP, uma excelente mestra para o ensino de Grego, em aulas de Língua e Literatura, Mitologia: durante três anos do antigo Clássico, tive um aprendizado substancial. De modo que, ao ingressar no curso de Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em